

Downtown Filmes e RioFilme apresentam  
uma produção Tambellini Filmes

# Malu de Bicicleta

Um filme de Flávio Ramos Tambellini

**ÍNDICE**

capa.....	1
índice.....	2
apresentação.....	3
sinopses.....	4
ficha técnica.....	5
direção: flávio ramos tambellini.....	6
roteiro: marcelo rubens paiva .....	10
marcelo serrado.....	12
fernanda de freitas.....	13
trilha sonora: dado villa-lobos.....	15
distribuição:	
downtown filmes e riofilme.....	16
palavra assessoria em comunicação...	17

## APRESENTAÇÃO

O cineasta Flávio Ramos Tambellini mergulha novamente na literatura brasileira. Depois de *Bufo & Spallanzani* e *O Passageiro, Segredos de Adulto*, baseados respectivamente nas obras de Rubem Fonseca e Cesário Melo Franco, *Malu de Bicicleta* – seu terceiro longa como diretor – é inspirado em um livro do escritor e autor teatral Marcelo Rubens Paiva. Tambellini não planejava filmar mais uma obra literária, mas quando o ator Marcelo Serrado apresentou o projeto de adaptar para o cinema *Malu de Bicicleta*, ele teve a certeza de que aquele romance deveria ser um filme. Produzido pela Tambellini Filmes, *Malu de Bicicleta* chega aos cinemas com distribuição da Downtown Filmes e RioFilme.

Lançado em 2004, o livro *Malu de Bicicleta* é o segundo de Marcelo Rubens Paiva adaptado para o cinema (o primeiro foi *Feliz Ano Velho*, em 1987, dirigido por Roberto Gervitz). As primeiras versões do roteiro contaram com a colaboração de Bruno Mazzeo e João Avelino, mas a versão final é assinada por Marcelo Rubens Paiva. Para chegar ao *Malu* filme, o livro foi enxugado, mas a essência da história, mantida. No cinema, o terceiro capítulo do livro foi o que ganhou mais destaque.

O filme trata da complexidade de uma relação amorosa e equilibra humor e drama na história do paulistano Luiz Mario (Marcelo Serrado), um homem sedutor e *bon vivant*, que coleciona casos amorosos. Ele tem aos seus pés mulheres de todos os tipos, com quem vive romances tórridos, mas não se envolve emocionalmente com nenhuma delas. Até que um dia, de passagem pelo Rio de Janeiro, apaixona-se perdidamente pela carioca Malu (Fernanda de Freitas), que o atropela de bicicleta na ciclovia do Leblon.

Assinada por Dado Villa-Lobos, a trilha sonora dá o ritmo do filme, que é costurado por belos planos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Além de canções inéditas do compositor (que estreou na composição de trilhas para cinema no primeiro longa de Tambellini, *Bufo & Spallanzani*), há músicas de Fausto Fawcett e outros. Os altos e baixos dos personagens, assim como as cenas cômicas, românticas e mais dramáticas são pontuadas pelas composições.

Para compor um elenco que reunisse atores de teatro e de cinema, o diretor trabalhou com a produtora Ciça Castello. Protagonizado por Marcelo Serrado, o filme traz Fernanda de Freitas, Marjorie Estiano, Otávio Martins, Daniela Galli, Maria Manoella, Thelmo Fernandes e Dani Suzuki. Marcos Cesana, que faleceu em maio deste ano, participou no papel do segurança do Espaço Fábrica.

As filmagens de *Malu de Bicicleta* aconteceram em 2009 durante quatro semanas (três no Rio e uma em São Paulo). Por uma questão de agenda dos atores, o diretor optou por fazer mais cenas no Rio. As locações foram cuidadosamente escolhidas de acordo com cada personagem da história. Para dar veracidade aos ambientes paulistas filmados no Rio, foi feito um trabalho minucioso de direção de arte, assinada por Zé Luca.

## SINOPSE CURTA

Malu de Bicicleta – Direção de Flávio Ramos Tambellini (Brasil, 2010). Luiz Mario é um empresário da noite paulistana, bon vivant e mulherengo que coleciona casos amorosos. Até ser atropelado de bicicleta pela carioca Malu, na orla do Rio de Janeiro. O casal vive um romance perfeito, que é abalado com a descoberta de uma enigmática carta de amor. Baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva. Com Marcelo Serrado, Fernanda de Freitas, Marjorie Estiano, Otávio Martins, Daniela Galli, Maria Manoella, Thelmo Fernandes, Dani Suzuki e Marcos Cesana. 90 minutos.

## SINOPSE

Malu de Bicicleta - Baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, o filme conta a história de Luiz Mario, um empresário da noite paulistana e bon vivant que coleciona casos amorosos. Ele tem aos seus pés mulheres de todos os tipos, com quem vive romances tórridos, mas não se envolve emocionalmente com nenhuma delas. Até que um dia, de passagem pelo Rio de Janeiro, apaixona-se perdidamente pela carioca Malu, que o atropela de bicicleta na ciclovia do Leblon.

O casal vive um romance perfeito, que é abalado com a descoberta de uma enigmática carta de amor. A partir daí a história dos dois é virada de cabeça para baixo. Luiz Mario se transforma na medida em que o ciúme toma conta da relação. Até que ponto a imaginação pode afetar um romance?

Direção de Flávio Ramos Tambellini (Brasil, 2010). Com Marcelo Serrado, Fernanda de Freitas, Marjorie Estiano, Otávio Martins, Daniela Galli, Maria Manoella, Thelmo Fernandes, Dani Suzuki e Marcos Cesana. 90 minutos.

## FICHA TÉCNICA

Título Original: Malu de Bicicleta  
Gênero: Comédia romântica  
Ano de Lançamento (Brasil): 2010  
Produtora: Tambellini Filmes  
Direção – Flávio Ramos Tambellini  
Roteiro – Marcelo Rubens Paiva  
Colaboração no Roteiro – João Avelino e Bruno Mazzeo  
Produção – Flávio Ramos Tambellini  
Produção Executiva – Silvia Costa  
Direção de Fotografia – Gustavo Hadba  
Câmera – Joaquim Torres  
Direção de Produção – Julia Moraes  
Coord. de Produção – Joana Araújo  
Produção de Elenco – Ciça Castello  
Direção de Arte – Zé Luca  
Visagismo – Marcos Freire  
Figurino – Bettine Silveira  
Som Direto – Bruno Fernandes e Álvaro Correia  
Montagem – Quito Ribeiro e Sérgio Mekler  
Trilha Sonora – Dado Villa-Lobos  
Produtor de Finalização – Tiago Arakilian  
Edição de Som – Eduardo Pop  
Distribuição: Downtown Filmes e RioFilme  
COR/Plano/ Dolby 5.1 /90 minutos

### Elenco Principal

Luiz – Marcelo Serrado  
Malu – Fernanda de Freitas  
Sueli – Marjorie Estiano  
Cássio – Otávio Martins  
Mari – Daniela Galli  
Cris – Maria Manoella  
Segurança – Marcos Cesana (in memoriam)

## O DIRETOR – FLÁVIO RAMOS TAMBELLINI

Sócio fundador da Tambellini Filmes (antiga Ravina Filmes), Flávio Ramos Tambellini é um dos mais importantes produtores do Brasil. Mas também se destaca por seus trabalhos como diretor de cinema, televisão e teatro. Em 2001, dirigiu seu primeiro longa-metragem, *Bufo & Spallanzani*, baseado no livro de Rubem Fonseca, e em 2007, o longa *O Passageiro, Segredos de Adulto*, baseado na obra de Cesário Mello Franco. Também dirigiu os documentários *Visão do Paraíso – A Mata Atlântica vista por Tom Jobim*, produzido por Walter Salles; *Paraty: Mistérios* e o premiado curta *Tim Maia*.

Como produtor, realizou *Gringos do Rio*, de Jonathan Nossiter, *Os Desafinados*, de Walter Lima Jr., o documentário *Pro Dia Nascer Feliz*, de João Jardim, e *Mutum*, de Sandra Kogut, que foi exibido na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes em maio de 2007. Entre os filmes que Tambellini produziu e co-produziu, destaque para *Cazuza*, de Sandra Werneck e Walter Carvalho; *Um Copo de Cólera*, de Aluizio Abranches; *Carandiru*, de Hector Babenco; *O Diabo a Quatro*, de Alice de Andrade; *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho; *O Homem do Ano*, de José Henrique Fonseca; *Eu, Tu, Eles*, de Andrucha Waddington; *A Ostra e o Vento e Ele O Boto*, de Walter de Walter Lima Jr.; *Terra Estrangeira*, de Walter Salles e Daniela Thomas e *Orfeu*, de Cacá Diegues.

Para a televisão, dirigiu um episódio da série *Filhos do Carnaval* para a HBO/O2Filmes e o documentário *A Casa de Banho de D. João* para o Canal Brasil. Em 2009, estreou como diretor de teatro, com a peça *Aquelas Mulheres*, e agora dedica-se ao lançamento de seu terceiro longa, *Malu de Bicicleta*. Flávio Ramos Tambellini também é coordenador docente da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro.

## ENTREVISTA: FLAVIO RAMOS TAMBELLINI

Este é seu terceiro longa-metragem como diretor. Assim como *Bufo & Spallanzani* e *O Passageiro, Segredos de Adulto*, baseados respectivamente nas obras de Rubem Fonseca e Cesário Melo Franco, o filme *Malu de Bicicleta* é inspirado em um livro de Marcelo Rubens Paiva. Privilegiar a literatura brasileira foi coincidência ou é uma marca sua como diretor?

É uma coincidência e uma marca. Eu não fiquei procurando um livro, mas o livro já vem com um material dramático, já vem com desenho de personagens e isso ajuda a estruturar um roteiro. O Marcelo (Rubens Paiva) é uma pessoa muito ligada em cinema, ele vê muitos filmes e escreve meio cinematograficamente. O Rubem Fonseca também, apesar de os livros dele não serem de fácil adaptação. Já *O Passageiro, Segredos de Adulto* foi um caso diferente, porque o livro foi lançado depois do filme. Eu recebi o livro ainda no prelo e fiz o filme, e o filme mudou um pouco o livro também. Mas essa questão de adaptar obra literária é bacana pela estrutura dramática que você tem num bom livro. E pelo desenho de personagens. Eu tenho até um próximo projeto que não é baseado em livro, mas acho muito bom adaptá-los, sempre com liberdade. Eu trabalho junto com os autores, respeitando a essência dos personagens.

Malu de Bicicleta mostra a complexidade de uma relação amorosa. O tema é denso, mas o filme equilibra humor e drama o tempo todo. Como você pensou nesta equação? O livro já dosava bem o humor e o drama ou isso foi uma característica específica do roteiro?

É uma característica mais do roteiro. O Marcelo (Serrado) tem humor, mas ele pode ir para o lado mais amargo. Eu optei pelo humor, não pelo humor da comédia fácil, mas pelo o humor da situação. Claro que temos os conflitos do personagem, o filme não é uma comédia no sentido literal. Há algumas cenas engraçadas porque, às vezes, o cotidiano é engraçado, a situação que você está é engraçada, então essa foi a busca. Eu não quis fazer um filme que buscasse o humor a todo custo. Quando o primeiro roteiro chegou a mim, puxava muito mais para o lado engraçado. Eu estava buscando mais a observação do comportamento humano. Acho que conseguimos esse equilíbrio entre humor e drama do dia-a-dia, não existe tragédia.

Ao mesmo tempo em que se equilibra humor e drama, o filme mostra também a diferença entre um Rio de Janeiro solar e praiano e uma São Paulo cinza e urbana, cada uma com sua beleza. Há também uma espécie de bipolaridade no personagem do Marcelo Serrado (Luiz Mario), que vai da euforia ao fundo do poço. Retratar os extremos foi intencional?

Foi proposital. Num determinado momento o filme tinha muito essa coisa Rio/SP, mas comecei a achar que isso poderia estar mais sutil. Mas, claro, o Rio é solar. A Malu – isso não tem no livro, fui eu que coloquei –, gosta de jogar futebol, de brincar e é alegre. E em São Paulo o ambiente é mais de trabalho, de balada, e chove. Pedi para o fotógrafo fazer uma cor mais quente no Rio. Eu moro no Rio, mas nasci em São Paulo, são cidades de belezas diferentes. De certa maneira o Rio representa certa liberdade, não é moral. E São Paulo tem uma coisa mais da noite, da balada, dos segredos de alcova.

Seus dois primeiros filmes valorizam muito as paisagens do Rio. Malu de Bicicleta tem muitas externas e também privilegia a beleza natural da cidade, mas faz um contraponto com a arquitetura urbana de São Paulo. Como foi a escolha das locações?

Para mim não existe filme sem a história estar ligada às locações. É um trabalho fundamental escolher as locações a dedo, e que cada uma tenha algum sentimento em relação ao personagem da história. Gosto de trabalhar o Rio de Janeiro. É um clichê isso, mas o Rio é muito cinematográfico. O que acontece é que as pessoas focam muito no Rio dos extremos, como a favela ou o cartão postal, mas a cidade tem muita locação rica, bonita e interessante cinematograficamente.

Quais são as locações mais interessantes?

Fomos para o alto da Pedra da Gávea, acho que ninguém nunca filmou lá. É uma pirâmide, mas esse filme pedia isso. Subiram cerca de 20 pessoas da equipe com câmera e equipamentos. Foi cansativo. Teve uma locação no Rio, onde filmamos o apartamento do Luiz (personagem do Marcelo Serrado), que é como se estivéssemos em São Paulo. Esse apartamento, que fica em Ipanema, é

o único na cidade que foi projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, um dos maiores nomes da arquitetura no Brasil. A gente teve que filmar mais no Rio, até por uma questão de agenda dos atores. Foram três semanas no Rio e uma em São Paulo. Mas o que foi feito no interior dos espaços tem bastante a cara de São Paulo. Fizemos um ótimo trabalho de direção de arte. Gosto também de filmar em lugares que eu conheço, de registrar lugares que tenho intimidade. Filmamos no Leblon, no aeroporto Santos Dumont, no bar Azul Marinho, no Arpoador. Em São Paulo filmamos na Praça Pôr do Sol, no Mercado Municipal, na Avenida Paulista, no Monumento aos Bandeirantes. Como era preciso estabelecer muito essa relação Rio/SP, tínhamos que optar por locações mais emblemáticas.

Houve filmagens em estúdio?

Não teve estúdio. Filmamos basicamente no Galpão Ação da Cidadania, que serviu para as locações da boate e do escritório do Luiz (personagem de Marcelo Serrado). Utilizamos esse espaço como se fosse um estúdio. E filmamos muito dentro do apartamento em Ipanema. Então consideramos esses lugares quase como estúdio. Filmamos também dentro da minha produtora. Várias locações foram construídas lá dentro, como o quarto da vizinha do Luiz Mario, a sala do detetive e outros.

Como surgiu a ideia deste projeto?

O projeto veio através do Marcelo (Serrado). Eu gosto muito do Marcelo, acho que ele é um ator com um ótimo tempo cômico. Ele tem esse lado meio produtor, de estar buscando os projetos, e me trouxe o livro. De cara eu estava com outras ideias e tive uma dificuldade inicial de entrar no projeto. Mas foi crescendo a partir do momento em que fui trabalhando o roteiro. Trabalhei com o Bruno Mazzeo, com o João Avelino, e voltei a trabalhar com o Marcelo (Rubens Paiva).

Quais as principais diferenças entre o livro e o roteiro do filme?

No Malu filme, a gente enxugou o livro, pegou mesmo a essência da história. O livro é cheio de memórias dos personagens que não cabiam no filme. Eu não queria fazer um filme de flashbacks, de psicologismos. O que me interessou no livro foi uma história contemporânea, sobre a incapacidade da comunicação na época da internet, da comunicação virtual. O medo de gostar, as relações, isso me interessou.

E como foi a escolha do elenco?

Quando o Marcelo (Serrado) trouxe o projeto, logo pensei nele como protagonista e hoje, assistindo ao filme, percebo que não pensaria em outro ator para o papel. A produtora de elenco Ciça Castello me falou sobre a Fernanda de Freitas. Eu a vi numa peça de teatro (A Ver Estrelas, de João Falcão). Ela é uma batalhadora, veio do interior de São Paulo e é muito talentosa. Testei várias atrizes, mas ela tinha uma coisa do interior que eu curti. É uma menina que cresce na tela. Houve uma química ótima entre ela e o Serrado. Eles ensaiaram muito, ficaram amigos. Ela é muito meiga e ao mesmo tempo engraçada, e isso ajudou a quebrar o Marcelo (Serrado). Eu não queria que ele ficasse galã. O

resto do elenco foi se formando. A Marjorie Estiano me procurou. Eu já a admirava, a via nas novelas e a achava boa atriz. Não é um elenco óbvio com duas mulheres estonteantes, mas sim duas meninas que combinam. Trabalhei muito com atores de teatro, como o Thelmo Fernandes, o Marcos Cesana, o Otávio Martins, a Maria Manoella e a Daniela Galli. Acredito em atores de teatro misturados com pessoas de cinema.

Como se deu a preparação do elenco? Como você atua na direção de atores? É na relação com o ator que eu me motivo para fazer um filme. Isso desde o Bufo & Spallanzani, que foi meu primeiro filme. Ali, com o Tony Ramos, José Mayer, eu vi que se você tem uma relação forte, se é compreendido pelos atores, você está com o filme na mão. Eu não acredito muito nesses ensaios exaustivos, nem em preparações longas com ator, acredito muito na compreensão do personagem, de você conversar e depois ensaiar. A gente fazia leituras e ensaiava cenas, mas não ensaiamos nos locais de filmagem. A gente ensaiou bastante, principalmente o Marcelo (Serrado) com a Fernanda (de Freitas), mas era muito mais um ensaio da compreensão de como era o clima filme, do que um laboratório.

Você produziu grandes filmes brasileiros, como por exemplo A Ostra e o Vento, Carandiru e Terra Estrangeira. Qual a influência da sua experiência como produtor na realização de seus filmes como diretor?

Não tenho a cultura do desperdício. Não no sentido financeiro, mas de saber exatamente o que levar para tela. Estou cansado de ver dias de filmagens jogados fora por teimosia ou insegurança. Eu sabia que tinha que fazer esse filme rápido. Entendi onde eu deveria focar e que valores de produção eu deveria colocar no filme. Eu sabia que o apartamento tinha que ser bacana, assim como o espaço da boate. Por isso nós investimos nessas locações. Acredito que em certos filmes você tem que saber escolher onde deve investir. Tem filme que é de figuração, tem filme em que você investe nas cenas grandes, outros são de época. Malu é um filme basicamente de atores, mas no qual as locações deveriam dar credibilidade. Isso é uma visão de produtor, porque eu sei o que fica na tela depois. Eu sei que o que fica na tela é o que a lente vê.

Qual é o orçamento do filme?

Cada vez mais eu acredito que ou você faz um filme com muitos recursos, mas caro, ou você tenta fazer um filme mais barato. Os filmes de médio orçamento não fazem tanta diferença. No caso de Malu, eu e a equipe queríamos mostrar que dava para fazer um filme com qualidade, mas sem muito dinheiro. Fizemos com R\$ 1,3 milhão, que para o tamanho do filme é muito pouco. Filmamos em quatro semanas, com uma câmera de alta tecnologia digital com lente de cinema, e depois passamos o filme para película. O acabamento é de primeira. Esse filme teve a parceria da Downtown Filmes desde o início. Nós começamos a filmar já com uma distribuidora, o que faz toda a diferença. Eu já tive filmes mais caros em que isso não existiu. Esse foi todo estruturado. É um filme, por exemplo, que o Canal Brasil já comprou no roteiro. Eu nunca tinha feito um filme com uma equação tão bem desenhada. Não é um filme de lançamento grande, mas está todo amarrado.

Qual o conceito da trilha sonora, assinada por Dado Villa-Lobos?

A trilha do Dado é um dos pontos altos. O primeiro longa da vida dele foi comigo (Bufo & Spallanzani), ele nunca tinha feito trilha antes. A gente fez um trabalho forte no Bufo e as pessoas gostaram. No meu filme seguinte, por uma série de questões, fiz a trilha com o Berna e o Kassin. Mas eu queria voltar a trabalhar com o Dado. Agora eu trabalhei com outro Dado, mais trilheiro de cinema, sempre pensando no clima do filme, então foi muito legal. Ele estava acompanhado de músicos ótimos, como o Carlos Laufer, e nos brindou com uma canção original que o Fausto Fawcett fez em cima da história do filme.

Tem alguma música no filme que não seja da trilha original?

Sim. Temos uma canção italiana (Parlamo de Amore), que Marcelo Serrado canta, e uma antiga do Dado Villa-Lobos cantada pela Paula Toller. Tem uma música da banda do meu filho, Experiência de Lucy, e tem uma canção do Quito Ribeiro, que é um dos editores do filme e também é compositor e cantor.

Qual é a importância da trilha sonora no filme?

Pode parecer óbvio, mas a trilha serve ao filme. Eu queria fazer a trilha com um lado dance/house que é São Paulo, com o clima da noite paulista, bem eletrônica e dançante. Tem um lado romântico, que é a história dos dois (Marcelo Serrado e Fernanda de Freitas) e também o lado misterioso, que é uma trilha onde ele tem os acessos de ciúmes e de loucura. Por isso que eu digo que é uma trilha, fiz bem trilha mesmo.

## ENTREVISTA: MARCELO RUBENS PAIVA

Malu de Bicicleta foi a sua volta aos romances depois de oito anos dedicados ao teatro. Como foi esse processo?

Eu escrevi Não És Tu Brasil em 1996 e foi bem desgastante, porque envolveu meu passado, família, anos de pesquisa, passei por um mestrado e quando terminei eu escrevi minha segunda peça, E aí, Comeu?. A partir disso eu passei a ser muito requisitado pela classe teatral, me apaixonei mesmo pelo teatro e pensei: “chega de romance, acabou”, porque era realmente muito cansativo. Até que essa história do cara ciumento apareceu na minha cabeça. Como eu sou um boêmio, e tenho amigos boêmios, acabo ouvindo muitas histórias. Foi aí que me veio essa, até um pouco inspirada em Dom Casmurro, pegando esse lado do ciúmes doentio. Eu até achei que iria ficar só no teatro, mas não resisti.

Esse é o seu segundo livro adaptado para o cinema. O primeiro foi Feliz Ano Velho, em 1987. Qual é a sua expectativa de ver outro romance nas telas depois de duas décadas?

Minha expectativa é maravilhosa. Eu não participei de nada no Feliz Ano Velho, que teve o roteiro e a direção de Roberto Gervitz, até porque eu tinha na época

23, 24 anos e não sabia muita coisa, estava nascendo nesse mercado. O Malu veio depois de vários livros, várias peças e até alguns roteiros, mas depois de muita experiência literária, de ter visto diversos filmes e ter um amadurecimento muito maior. Quando o projeto do filme começou eu não estava entre os roteiristas, mas ao longo do processo eu resolvi entrar. Tinha acabado de fazer o roteiro de No Retrovisor, em que o Marcelo Serrado também atuou, então eu estava com a mão de roteirista no teclado. Já fiz mais três depois disso e fui ao set de filmagens para aprender o que é “filmável” e o que não é, como se faz um filme e conseguir enxergar o que encarece uma produção. Vi que não era o que eu imaginava. A partir de agora já tenho o panorama, porque convivi com essa filmagem. Considero o Malu meu primeiro filme adaptado, com envolvimento com a produção e etc.

Como foi transformar o livro em roteiro? A obra traz muitos detalhes da vida do Luiz (personagem de Marcelo Serrado) que não estão no filme. Foi difícil tirar algumas partes da história? O quanto isso foi fundamental para aprimorar o roteiro?

O livro é dividido em três partes: a construção desse homem mulherengo desde a sua infância, sua relação com a babá, com as suas primas, as experiências na escola e faculdade, a rotina do dono de uma balada, e etc. Quando pensei em criá-lo tentei pensar no tipo de homem conquistador pelo qual as mulheres enlouquecem. Eu sempre achei que as mulheres ficam loucas por homens de balada, e então criei esse personagem. Como conheço esse perfil, sei que são pessoas sedutoras. A terceira parte do livro é a relação com a Malu, quando o personagem se cansa da “galinhagem”. A alma do livro é esse terceiro capítulo, e não é à toa a obra que se chama Malu de Bicicleta. Para o filme eu enxuguei esses dois primeiros capítulos em 10 minutos, só apresentando o personagem, e então nos aprofundamos na história que levanta um ciúme doentio num homem que conhecia todas as mulheres da cidade e que achava que tinha o domínio da situação. A adaptação não é integral, mas é a parte que mais gosto do livro.

A história gira em torno de um homem mulherengo que se apaixona cegamente e passa a desconfiar da sua amada. Essa temática poderia fazer da obra Malu de Bicicleta uma espécie de Dom Casmurro moderno?

Eu não tenho a pretensão de ser comparado ao Machado ou ao Dom Casmurro. O Malu de Bicicleta tem um pouco de Dom Casmurro, sim, mas também de Otelo, Madame Bovary e diversos outros romances, em que essa coisa de amor descontrolado e ciúmes doentio estão presentes.

## ENTREVISTA: MARCELO SERRADO (LUIZ MÁRIO)

Em 2007 você levou o romance *No Retrovisor*, de Marcelo Rubens Paiva, para o teatro. Como surgiu a ideia de filmar o livro *Malu de Bicicleta*, do mesmo autor?

A ideia foi do Paiva e aí mostrei para o Flávio (Tambellini) e tudo se encaixou. Sempre achei que o livro daria um filme bacana, pois a história permite adaptação. O Flávio já havia me convidado para fazer *Bufo & Spallanzani*, mas na época eu não pude. Agora calhou de fazermos esse projeto e conseguimos trabalhar juntos.

Como você se aproximou do universo do escritor para compor o personagem? Há muita diferença entre o Luiz Mario do livro e o do filme?

O Luiz do livro aparece no filme com muita tinta. Há muita coisa nele que não tem no livro, mas que coloquei nas entrelinhas. A essência está lá no livro, mas tentei evidenciar aquela coisa meio Otelo, em que o ciúme vai corroendo por dentro, junto com a insegurança e com a loucura. O personagem é um cara muito inseguro, que não sabe lidar com a paixão dele, não tem a noção exata do que representa um amor verdadeiro. Esse foi o ponto que eu mais tentei trabalhar para o cinema.

O filme começa mostrando de um Luiz conquistador, com um tom até machista. Pouco a pouco ele vai se desmontando para dar vez a um protagonista romântico, apaixonado e inseguro. Como você trabalhou essa mudança sem deixar o personagem cair no clichê?

Sinceridade, sendo o mais natural e verdadeiro, fazendo as cenas com verdade. A comédia já estava no texto, por isso deixei que as cenas falassem por si só. O filme não tem na sua essência uma comédia boba, mas uma comédia de cotidiano, e por isso acho que as pessoas vão se identificar.

Como foi trabalhar sob a direção do Flavio R. Tambellini?

O Flávio é um diretor muito aberto, daqueles que permitem que se acrescente à cena. Ele permite mudanças, que se faça de uma forma diferente, que se brinque com as cenas. Com certeza ele é um grande amigo e parceiro. Talentosíssimo. É generoso e sabe exatamente o que quer e como chegar num ator, sem ser autoritário.

Fica evidente no filme que existe uma química entre você e a Fernanda Freitas. Como foi contracenar com ela? E com os outros atores do elenco?

Fernanda é de uma grande entrega. Ela faz tudo com verdade e se joga. Fizemos um workshop e deu para notar que não tem meio termo, ela faz o personagem. Ela é uma atriz pronta para qualquer trabalho. Foi nosso primeiro trabalho juntos, mas quando ela fez o teste o Flavio e o Marcelo pediram a minha opinião, e eu disse que ela era ótima. Ela tem a cara da Malu, com um ar misterioso. Além de ter aquela coisa do cinema, a câmera gosta dela. Caiu como uma luva. Os outros atores são ótimos também, como o Cesana (Marcos Cesana), que faleceu esse ano e foi uma indicação minha. Era um grande ator e amigo!

Num país onde a cultura visual muitas vezes predomina sobre a escrita, qual é a importância de retratar a literatura brasileira nas telas?

Sempre importante falar da gente, mas essa história é universal. Apesar de ter como pano de fundo o Rio e São Paulo, as histórias do Marcelo permitem que sejam mostradas em qualquer lugar.

Como você se preparou para viver o personagem em duas cidades tão diferentes, como Rio e São Paulo?

Basicamente sem carregar no sotaque e tentando ser convincente. Eu tive a ajuda da preparadora de elenco Maria Silva, que me ajudou muito também. A postura do personagem muda um pouco, porque em São Paulo ele fica mais solto, com os amigos e a intimidade com a vida noturna. No Rio ele fica mais preso, menos confortável, já que ali não é a sua cidade.

## ENTREVISTA: FERNANDA DE FREITAS (MALU)

Como surgiu o convite para trabalhar no filme?

O Tambellini me convidou para fazer um teste. Quando recebi o roteiro fiquei com muita vontade de fazer o filme. Achei uma delícia! Fiquei preocupada depois do teste, porque eu tinha acabado de fazer uma novela, estava com o cabelo comprido e a primeira coisa que eles perceberam é que eu o havia cortado. Quando o Serrado (o ator Marcelo Serrado) me viu, disse de imediato: "Poxa, você cortou o cabelo". E eu respondi: "Calma, se quiserem, amanhã estou com ele longo novamente". Duas semanas depois o Flávio me ligou e disse: "é você a nossa Malu!". E olha que depois houve a maior dúvida se ela teria cabelo longo ou curto.

Você é paulista e mora no Rio há alguns anos. Como foi o processo de construção de uma personagem tipicamente carioca? Você gosta de andar de bicicleta, de ir à praia e fazer atividades ao ar livre?

Sou uma paulista completamente carioca. Amo o Rio, a praia, o lifestyle que essa cidade proporciona. Jogo frescobol, vôlei, corro e já me aventurei no surf, mas confesso que andar de bicicleta mesmo, só no filme. Em relação ao sotaque, acho que já tenho a melodia, o cantado de carioca, mas o "r" e o "s" precisaram ser trabalhados. Contamos com o apoio da fono Maria Silvia Siqueira Campos. Eu, paulista, fazendo uma carioca e o Marcelo, carioca, fazendo um paulista. Ela foi maravilhosa!!!

O filme se passa em duas cidades bem diferentes. O Rio é mostrado de forma mais alegre e solar, e em São Paulo se destaca a arquitetura urbana e a vida noturna. Como você se preparou para viver a Malu em cada cidade?

Fiz várias leituras e ensaios antes das filmagens com o Marcelo (Serrado) e o Flávio (Tambellini). Discutíamos a curva dos personagens e também como as várias mudanças que ocorreriam com eles no decorrer do filme poderiam transformar, incomodar, melhorar, piorar suas vidas. Sabia que a Malu era muito carioca, mas também uma mulher viajada, que tinha morado no exterior e, acima de tudo, era independente. O fato de morar em outro lugar não seria

empecilho nenhum pra ela ser feliz. A Malu é totalmente livre, sociável e adaptável. E quando ela sentia saudades do Rio, pegava logo uma ponte aérea. Tentei resgatar os meses que passei em Sampa fazendo teatro pra emprestar os ares paulistanos à personagem.

Entre as locações no Rio, há uma cena que se passa na Pedra da Gávea, onde vocês fazem um piquenique no alto da montanha. Como foi fazê-la? Como foram as filmagens na rua?

Uma maravilha!!! Filmar naquele lugar foi incrível, com todo aquele visual e fazia um lindo dia! Mas a equipe que subiu a trilha carregando equipamentos, água, comida e tudo mais que precisamos pra um dia de filmagem, essa sofreu. Mas foi um sofrimento recompensado com as lindas imagens que fizemos.

Assistindo ao filme, parece que você e o Marcelo Serrado se divertiram muito durante todo o processo. Vocês já se conheciam? Como foi trabalhar com o Marcelo?

Nós nos divertimos mesmo!!! Ficamos amigos. Parecia que nos conhecíamos há muito tempo. A química aconteceu de cara e acho que com os ensaios criamos uma intimidade que, na hora das filmagens, já era visível. Foi um prazer trabalhar com um ator talentoso e disponível como ele.

Você já fez muitos trabalhos na TV e recentemente participou de duas produções teatrais elogiadas pela crítica (Ensina-me a Viver e A Ver Estrelas). O elenco do filme tem muitos atores de teatro, principalmente de São Paulo, como você vê mistura? Essa troca de experiências?

Acho que Ensina-me a Viver foi um divisor de águas na minha carreira. Um trabalho do qual eu me orgulho muito. Uma bela produção, a genial direção de João Falcão e atores maravilhosos, com os quais aprendi muito nessa longa trajetória da peça. Me apaixonei pelo teatro, e hoje sei que é lá a "casa do ator". É onde somos mais livres e onde mais aprendemos. Já a peça A Ver Estrelas foi onde me aventurei pela primeira vez na produção. Foi uma grande experiência, porém difícil, visto que não tínhamos patrocínio. Senti na pele (e no bolso) o que era fazer teatro dessa forma, e mesmo assim ia para o palco feliz, realizada. Mas sou fruto da TV e amo tudo o que faço. Amo também fazer cinema. Enfim, amo todas as vertentes da minha profissão. Sou atriz de teatro, cinema e TV.

## A TRILHA SONORA, por Dado Villa-Lobos

“Trabalhei com Flávio (Ramos Tambellini) no seu primeiro filme como diretor, Bufo & Spallanzani, e a relação foi imediata, superpositiva. A trilha, que era a minha primeira, acabou sendo premiada em festivais. No ano passado (2009) veio o convite para trabalhar na trilha do Malu de Bicicleta, do Marcelo Rubens Paiva, escritor do livro e amigo de longa data. A empatia foi imediata. Uma história clássica e divertida comédia romântica do eixo Rio - São Paulo.

A leitura do roteiro trouxe de imediato o insight para o primeiro tema que, pensei logo, encerraria o filme. Uma canção melancólica estranha, batizada Eu sou mais eu, tema da redenção do protagonista, um solitário Don Juan arrependido. Achei que tinha acertado na mosca e encaminhei a ideia para o Flávio (Tambellini), que logo pediu: "pelo amor de Deus!, não podemos terminar o filme nesse baixo astral!". Depois de algumas conversas veio a luz. Ah! Entendi, sensacional, a ideia seria uma canção pop, disco, Lady Gaga, pra cima. Foi então que veio o refrão "rave, rave, rave de amores por aí", de uma nova canção, Fugitivo Coração, que encerra o filme com a surpreendente interpretação de Fausto Fawcett em super estilo Leonard Cohen pós-moderno.

Foi assim que começou o trabalho musical do filme: pelo final, de trás pra frente. O Flávio (Tambellini) desenhou a dinâmica da trilha seguindo a psique do protagonista: sedutor implacável, o poligâmico Luiz que vai do eufórico ao esquizofrênico ao longo dos 90 minutos do filme. Um trabalho de composição muito divertido, dinâmico e coerente com as situações mais cômicas e dramáticas da história, temas de amor rasgado, mistérios introspectivos, alucinações rompantes, amor e traição, temas que vêm dar força a uma história muito bem contada e tão próxima de todos nós.” – Dado Villa-Lobos

## SOBRE A DOWNTOWN FILMES

A Downtown Filmes é uma distribuidora dedicada exclusivamente ao lançamento de filmes brasileiros.

Fundada em 2006, sua estratégia de atuação é assegurar a distribuição do melhor do cinema nacional através da colaboração com os principais produtores e diretores brasileiros, garantindo assim sua participação nos projetos em seus diferentes estágios de desenvolvimento.

Isso garantiu à Downtown Filmes, a partir de 2008, a distribuição de importantes longas que alcançaram um público expressivo, como *Meu Nome Não é Johnny*, de Mauro Lima, *Divã*, de José Alvarenga Jr e *Chico Xavier*, de Daniel Filho.

A Downtown Filmes também incentiva novos talentos. Faz parte da sua carteira filmes selecionados e premiados em importantes festivais nacionais e estrangeiros, como *Crime Delicado* e *Cão sem dono*, de Beto Brant, *o Céu de Suely*, de Karim Anouz, *Estômago*, de Marcos Jorge e *Só Dez Por Cento É Mentira*, de Pedro Cezar.

A empresa é dirigida por Bruno Wainer, que tem no seu currículo a distribuição de alguns dos maiores sucessos do cinema brasileiro, entre os quais se destacam *Olga*, de Jayme Monjardim; *Os Normais*, de José Alvarenga Jr; *Central do Brasil*, de Walter Salles Jr e *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles.

## SOBRE A RIOFILME

A RioFilme pertence à Prefeitura do Rio de Janeiro e tem por missão promover o desenvolvimento da indústria audiovisual carioca, considerando todos os elos da cadeia produtiva do setor e seus impactos econômicos e sociais na cidade.

Em 2009, a RioFilme investiu mais de R\$ 11 milhões no desenvolvimento, na produção e no lançamento de longas realizados por empresas cariocas e no apoio a mostras e mercados estratégicos realizados na cidade, como o Festival do Rio.

Os sete filmes lançados em 2009 pela RioFilme, em parceria com a Downtown Filmes, a Europa Filmes e a MovieMobz, foram vistos por mais de 2 milhões de espectadores no Brasil – mais de cem vezes o público dos filmes da empresa em 2008 (cerca de 20% da bilheteria dos filmes nacionais). Com isso, a RioFilme foi a quinta maior distribuidora de filmes nacionais em 2009, considerando público e renda.

Até o fim de 2012 a RioFilme planeja investir cerca de R\$ 90 milhões no setor audiovisual da cidade, através de investimentos reembolsáveis e não-reembolsáveis. O objetivo central é consolidar o Rio de Janeiro como o principal

pólo de criação, produção, distribuição e exibição de conteúdos audiovisuais do Brasil e da América Latina.

Criada em 1992, a empresa desempenhou papel vital na retomada do cinema brasileiro, tendo investido ao longo de 18 anos na produção e na distribuição de cerca de 200 longas e cem curtas, como Cidade de Deus, de Fernando Meirelles, entre outros sucessos.

Ao lado da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, a RioFilme mantém a recém-criada Rio Film Commission, que auxilia produtores de todo o mundo interessados em filmar na cidade.



Informações para a imprensa  
PALAVRA assessoria em comunicação  
Tel.: (21) 3204-3124

Cristina Rio Branco  
[cristina@palavraonline.com](mailto:cristina@palavraonline.com)  
(55 21) 7813-6398 ID: 55\*24\*8011

André De Biase  
[andrebiase@palavraonline.com](mailto:andrebiase@palavraonline.com)  
(55 21) 7894-2299 ID: 55\*24\*81041

Paula Catunda  
[paula@palavraonline.com](mailto:paula@palavraonline.com)  
(55 21) 8795-6583 / 7821-7397 ID: 82\*121802